

Sobre o poder instrumental da actividade metalinguística no desenvolvimento bilingue¹

Cristina Martins
CELGA/FLUC

1. Actividade metalinguística

“in every child there is a budding linguist”
(Levelt, Sinclair & Jarvella 1978: 2)

A *actividade metalinguística* será aqui genericamente entendida como um processo através do qual o falante-ouvinte constrói representações cognitivas sobre estruturas e usos das línguas que conhece, i.e., como um processo cujo produto é o *conhecimento metalinguístico*. Este processo pressupõe que as representações linguísticas interiorizadas pelo falante-ouvinte —e mobilizadas, instrumentalmente, nas tarefas comunicativas— também assumam o estatuto de objectos para o sistema cognitivo do sujeito. Fruto de tal actividade, o falante-ouvinte/sujeito cognoscente disporá, então, de dois conjuntos autónomos, porém interdependentes, de representações mentais: as que concernem ao conhecimento *da* língua (conhecimento linguístico) e as que dizem respeito ao conhecimento *sobre* a língua (conhecimento metalinguístico).

Na ausência de consensos claros sobre os critérios que deverão presidir à distinção entre as representações linguísticas e metalinguísticas, assumiremos, nesta apresentação, um conjunto de pressupostos sobre a natureza de cada tipo de conhecimento e sobre as relações que entre um e outro subsistem.

Operar-se-á, por exemplo, com base no princípio de que as manifestações comportamentais do conhecimento metalinguístico podem exibir **graus bastante variáveis de explicitude**. Neste sentido, considerar-se-ão de natureza metalinguística todas as manifestações que denunciem actividade reflexiva sobre aspectos da estrutura e do uso das línguas, quer surjam sob a forma de uma descrição sistemática, como as que são tipicamente elaboradas por linguistas, quer sejam protagonizadas por leigos em estudos linguísticos. Assumindo, na linha do que Hoenigswald (1971) denominou uma *folk linguistics*, que a actividade metalinguística não está necessariamente dependente de um processo de instrução formal, subscreve-se a posição segundo a qual que ela **emerge de modo espontâneo**, em fases precoces do desenvolvimento ontogénico (Karmiloff-Smith 1992). Defender-se-á, para além do mais, que a actividade metalinguística é **necessária** ao normal funcionamento dos sistemas linguísticos, na justa medida em que se consideram de natureza metalinguística as tarefas básicas de auto- e de hetero-regulação/monitorização universalmente mobilizadas aquando do uso

¹ Comunicação apresentada no *Colóquio sobre Educação Bilingue e Bilinguismo*, a convite do ILTEC. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 21 de Junho de 2011.

das línguas enquanto instrumentos de comunicação interpessoal (Martins 2008: 99-103).

Decorrente do exposto, assume-se que (i) a actividade metalinguística das crianças se inicia muito antes de estas iniciarem a sua experiência escolar; (ii) o conhecimento metalinguístico desempenha um papel instrumental no desenvolvimento linguístico ontogénico, selectivamente adaptado às circunstâncias em que este último decorre. Neste sentido, argumentar-se-á em defesa da ideia de que, nos casos em que as crianças estão em contacto com *input* filiável em mais do que um sistema linguístico, a actividade metalinguística que opera sobre os dados desse mesmo *input* será o processo através do qual a criança constrói representações cognitivas distintas das línguas presentes no seu ambiente aquisitivo (Ben-Zeev 1979: 45). Mais se advoga que essas representações diferenciadas das línguas constituem os alicerces sobre os quais se edifica o desenvolvimento bilingue da criança, que tanto terá de aprender a funcionar em “modo bilingue” (e fazer uso, nessa modalidade, de manifestações verbais típicas como a escolha de línguas ou a alternância de códigos), como em “modo monolingue”, no quadro do qual terá de mobilizar regras de conduta verbal distintas.

2. Actividade metalinguística no desenvolvimento bilingue

“(...) [A] foreign language facilitates mastering the higher forms of the native language. The child learns to see his language as one particular system among many, to view its phenomena under more general categories, and this leads to awareness of his linguistic operations. Goethe said with truth that “he who knows no foreign language does not truly know his own””
(Vygotsky 1934 [1962: 110])

Numerosas têm sido as manifestações da actividade metalinguística de crianças expostas a *input* bilingue recenseadas na literatura especializada (para uma revisão, cf., Martins 2008: cap. 3). Algumas destas manifestações são igualmente encontradas em crianças monolingues (embora, nestas, tendam a surgir mais tarde no decurso do desenvolvimento), mas outras já são específicas da experiência bilingue.

No grupo de manifestações metalinguísticas que se revelam em crianças quer monolingues, quer bilingues refira-se aquela que tem sido mais documentada e estudada numa perspectiva comparativa, i.e., a capacidade de reconhecimento das relações arbitrárias do signo linguístico (signo—referente e significado—significante). Confrontada, desde fases precoces do seu desenvolvimento linguístico, com o facto de ser possível designar a mesma entidade extralinguística com recurso a duas formas linguísticas alternativas, uma em L1 e outra em L2, a criança exposta a *input* de duas línguas mais condições terá para reconhecer que existe uma distinção ontológica entre o referente e o(s) signo(s) utilizado(s) na(s) língua(s) para o referir. Os dados disponíveis, obtidos quer através de observações longitudinais (de manifestações espontâneas, regra geral), quer em estudos *cross-sectional* (orientados por protocolos experimentais), revelam que tão cedo quanto os 3;4 (Slobin 1978) / 4 anos de idade (Ianco-Worrall

1972) as crianças bilingues, especialmente quando educadas em conformidade com a regra ‘uma língua por cada fonte de *input*’, são capazes de dissociar a forma fónica do significado das expressões linguísticas. Comparativamente, uma criança exposta a *input* de uma única língua tende a ultrapassar bastante mais tarde o desafio do ‘realismo nominal’ (Piaget 1926 [1996]), demorando mais tempo para reconhecer que o nome de um objecto referencial não é uma propriedade indissociável deste (a par de outras como cor, forma e tamanho), antes uma entidade distinta desse mesmo objecto referencial, passível de ser observada em si mesma e por si mesma.

Já outras manifestações metalinguísticas são específicas do desenvolvimento bilingue, desempenhando, como aqui se defende, um papel crucial nesse mesmo desenvolvimento. De entre estas, a mais relevante, pela profundidade e extensão das suas implicações, é a capacidade de associação entre padrões linguísticos particulares (a começar pelos fónicos; Fantini 1978) e os usuários mais comuns de tais padrões no ambiente aquisitivo da criança.

Nos casos da exposição simultânea à L1 à L2, a capacidade de associação língua—locutor revela-se muito precocemente, por volta dos dois anos de idade (Fantini 1978, Redlinger & Park 1980, Vihman 1985, Kielhöfer 1987, Clyne 1987, Lanza 1997), através de manifestações que incluem a produção de traduções espontâneas, ou alternâncias de código reiterativas, motivadas pela presença, numa dada situação de interacção verbal, de dois locutores, um dos quais que a criança percebe como falante prototípico da língua *x*, e o outro como da língua *y*. Entre os dois e os três anos há, igualmente, registos de expressões metalinguísticas explícitas como *Papasprache* e *langue à maman* (Kielhöfer, 1987: 140) para fazer referência às línguas de *input*, a par das designações canónicas das respectivas línguas.

A precocidade da capacidade de reconhecer papéis funcionais distintos a línguas cuja fisionomia e especificidade estrutural igual e concomitantemente se reconhece pode ser tomada como evidência, em si mesma, do papel nevrálgico que essa capacidade desempenha no desenvolvimento da própria condição bilingue. Sem o seu domínio, ficaria, por exemplo, comprometido o regular funcionamento pragmático e discursivo de mecanismos típicos da actividade verbal bilingue, tais como a escolha de línguas e a alternância de códigos, mas também se prejudicaria o adequado desenvolvimento dos respectivos ‘modos monolíngues’, igualmente observáveis no desempenho verbal da criança que conhece mais do que uma língua.

Na verdade, para fazer operar eficazmente qualquer um dos modos de interacção referidos (bilingue e monolíngues), é necessário um elevado domínio das funções de controlo executivo no processamento linguístico, uma mestria cognitiva que tende a ser mais apurada nas crianças produtivamente bilingues do que nas crianças monolíngues de perfil sociológico comparável (Bialystok, 1988) —preservando-se, de resto, em grau superior, ao longo da vida adulta do bilingue (Bialystok *et al.* 2004)—.

A interacção que aqui se desenha entre bilinguismo, actividades metalinguísticas e desenvolvimento cognitivo, uma área de estudo com longa tradição (cf. o estudo seminal de Peal & Lambert 1962) e evidente interesse educacional, não se processa, no entanto, de um modo linear. A investigação tem revelado que certas tarefas metalinguísticas, como a capacidade de identificação selectiva de erros sintácticos e

respectiva correção, mais dependentes de capacidades cognitivas de natureza analítica (Bialystok, 1988), são mais facilmente dominadas por bilingues que exibem elevada proficiência em ambas as línguas.

Referências

Ben-Zeev, S. (1977). Mechanisms by which Childhood Bilingualism Affects Understanding of Language and Cognitive Structures. In: P.A. Hornby (Ed.), *Bilingualism. Psychological, Social and Educational Implications*. New York: Academic Press, p. 29-57.

Bialystok, Ellen (1988). Levels of Bilingualism and Levels of Linguistic Awareness. *Developmental Psychology*, 24 (4): 560-567.

Bialystok, E.; Craik, F. I. M; Klein, R.; Viswanathan, M. (2004). Bilingualism, Aging, and Cognitive Control: Evidence from the Simon Task. *Psychology and Aging*, 19 (2): 290–303.

Clyne, M. (1987). "Don't you Get Bored Speaking Only English?" Expressions of Metalinguistic Awareness in a Bilingual Child. In: R. Steele; T. Threadgold (Eds.), *Language Topics: Essays in Honour of Michael Halliday*. Amsterdam: John Benjamins, p. 85-103.

Fantini, A. E. (1978). Bilingual Behavior and Social Cues: Case Studies of Two Bilingual Children. In: M. Paradis (Ed.), *Aspects of Bilingualism*. Columbia: Hornbeam Press, p. 283-301.

Hoenigswald, H. (1971). A Proposal for the Study of Folk-linguistics. In: W. Bright (Ed.), *Sociolinguistics*. The Hague: Mouton, p. 16-26.

Karmiloff-Smith, A. (1992). *Beyond Modularity. A Developmental Perspective on Cognitive Science*. 3ª reimpressão. Cambridge Mass.: MIT Press.

Kielhöfer, B. (1987). Le “bon” changement de langue et le “mauvais” mélange de langues. In: G. Lüdi (Ed.), *Devenir bilingue—parler bilingue. Actes du 2e Colloque sur le Bilinguisme, Université de Neuchâtel, 20-22 septembre 1984*. Tübingen: Max Niemeyer, p. 135-155.

Ianco-Worrall, A. D. (1972). Bilingualism and Cognitive Development. *Child Development*, 43: 1390-1400.

Lanza, E. (1997). *Language Mixing in Infant Bilingualism. A Sociolinguistic Perspective*. Oxford: Clarendon Press.

Levelt, W. J. M.; Sinclair, A.; Jarvella, R. J. A (1978). Causes and Functions of Linguistic Awareness in Language Acquisition: Some Introductory Remarks. In: A. Sinclair; R. J. A. Jarvella; W. J. M. Levelt (Eds.), *The Child's Conception of Language*. Berlin: Springer-Verlag, p. 1-14.

Martins, C. (2008). *Línguas em contacto: 'saber sobre' o que as distingue. Análise de competências metalinguísticas de crianças mirandesas em idade escolar*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Peal, E.; Lambert, W. E. (1962). The Relation of Bilingualism to Intelligence. *Psychological Monographs*, 76 (27): 1-23. Também publicado em A. S. Dil (Ed.), *Language, Psychology and Culture. Essays by Wallace E. Lambert*. Stanford: Stanford University Press, 1972, p. 111-159.

Piaget, J. (1996). *La représentation du monde chez l'enfant*, 8ª edição. Paris: Presses Universitaires de France. 1ª edição de 1926.

Redlinger, W.; Park, T.-Z. (1980). Language Mixing in Young Bilinguals. *Journal of Child Language*, 3: 449-455.

Slobin, D. I. (1978). A Case Study of Early Language Awareness. In: A. Sinclair; R.J. Jarvella; W.J.M. Levelt (Eds.), *The Child's Conception of Language*. Berlin: Springer-Verlag, p. 45-54.

Vihman, M. M. (1985) Language Differentiation by the Bilingual Infant. *Journal of Child Language*, 12: 297-324.

Vygotsky, L. S. (1962). *Thought and Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press. Tradução do original russo de 1934.